**ENQUANTO MAMÃE NÃO MORRE**

Um melodrama satírico ou uma sátira melodramática é o que Alberto Rodrigues e sua ProArt Produções Artísticas, da cidade de Santa Maria, RS, nos brindam com ENQUANTO MAMÃE NÃO MORRE, uma comédia encantadora, apresentada durante o Cena Viva 2017, Festival de Teatro de Santa Rosa, RS.

Alberto Rodrigues consegue unir tendências, estilos, gêneros e tudo o mais, num caldeirão efervescente de talentos que, a todos encanta. Há em tudo (no espetáculo) uma preocupação evidente com a qualidade e, sobretudo, uma entrega generosa do Grupo a cada quesito que compõe a obra. Tudo gira em torno de um eixo centrípeto, que afunila os elementos num redemoinho de revelações, reviravoltas, conflitos, nós dramáticos, tudo amarrado por um texto dramaturgicamente muito bem estruturado, evidenciando um Alberto Rodrigues em pleno domínio da carpintaria teatral. Confesso que, desde A MALDIÇÃO DO VALE NEGRO, obra-prima de Luiz Arthur Nunes & Caio Fernando Abreu, do qual tive a honra de participar como integrante do elenco original, não via um experimento tão bem sucedido neste gênero.

O espetáculo, segundo o Grupo, estreou em 2009, e, por mais incrível que possa parecer - principalmente se levarmos em conta o fato de ser uma comédia - mantém-se intacto e poderoso em seu estranhamento. Acompanho os trabalhos da ProArt Produções Artísticas ao longo dos anos e, percebo, escancarados no espetáculo, todas as obsessões de Alberto Rodrigues como criador: o impacto visual apurado; figurinos, adereços e cenário elaborados e confeccionados com espero pelo próprio Grupo; a irreverência; o nonsense; a fixação em piadas de cunho sexual, a malícia e, principalmente, dedicação e amor ao fazer teatral. Em ENQUANTO MAMÃE NÃO MORRE, duas irmãs passam dias e noites cuidando da mãe doente, num velho casarão, no século XIX. Com a chegada de um visitante inesperado, vem à tona todo um passado de mistérios e segredos ocultos nas paredes do velho casarão. Referências expressionistas são manuseadas com segurança, criando um visual deslumbrante pelos vitrôs do cenário, pelos figurinos de época muito bem talhados e confeccionados, e pela iluminação oblíqua que envolve o espaço cênico, envolvendo o ambiente num chiaroscuro digno da palheta dos grandes mestres da pintura. Sentimo-nos, literalmente, dentro de um quadro vivo. A maquiagem é primorosa. A trilha sonora adequadíssima. E o elenco - formado por Lucimar Costa, Danielle Moisés, Diego Verri, Henrique Leite, Camilla Marques e o próprio Alberto Rodrigues - é insofismável. Há entrega por inteiro, de cada um, à concepção da direção. Azeitadíssimos, como um relógio.

Talvez, o único senão à apresentação, tenha sido um certo decréscimo de energia em determinada passagem da ação, e alguns pequenos problemas espaciais, com atores encobrindo os outros, por vezes dispersando o foco principal. Isto, creio, dá-se pelas dimensões exíguas do palco; e o decréscimo de energia, certamente, é circunstância específica, e que, num espetáculo que exige muito da preparação física dos atores, isto sói acontecer. Há que haver um aquecimento mais eficaz, para que não caiam nesta armadilha; e acender o alerta para que este fato não se torne corriqueiro, deitando por água abaixo a pequena jóia que o Grupo tem às mãos.

A pretensão (no bom sentido) da direção foi realizada. E é muito gratificante, para nós, espectadores, quando podemos sentir a pulsação do trabalho mostrado. E, a felicidade junta com a sensação do dever cumprido pelos atores, a todos contamina e, os aplausos fluem incontestes. ENQUANTO MAMÃE NÃO MORRE é a síntese de 20 anos da seriedade e dos esforços do Grupo, e, sobretudo, o cartão de visitas de Alberto Rodrigues que, oriundo de outra área de atuação soube, como poucos, aproveitar e ocupar o espaço conseguido, com o seu talento e a sua persistência.

Antonio Carlos Brunet

Junho de 2017.